

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT05.023

“É PELA VIDA DAS MULHERES”: PEDAGOGIAS FEMINISTAS DE UMA FRENTE DE MULHERES NO CARIRI CEARENSE

Macedônia Bezerra Felix¹

RESUMO

Sobreviventes em uma terra que assassina mulheres, a Frente de Mulheres do Cariri é uma organização feminista no interior Cearense que possui como uma de suas prioridades fazer uma educação para a vida das mulheres. Através deste trabalho, objetivo partilhar vivências de subverter as estruturas locais que fazem da região do Cariri uma das que mais violenta mulheres no Ceará. Para tanto, descrevo intervenções que fazem borda no impossível do educar, compartilhando efeitos pedagógicos e políticos entre meninas e mulheres das ações do coletivo. A metodologia de relato de experiência ancora seu dizer a partir da autoetnografia e referencial teórico narrativo e psicanalítico entre publicações clássicas e contemporâneas. Discuto os impasses entre a educação como profissão e a transmissão de um desejo de saber, marcando uma diferença no ensino como a possibilidade de ocupar uma função em ato.

1 Psicanalista com consultório em Juazeiro do Norte-Ce. Mestranda em Educação na URCA, pesquisando feminicídio, memória e história de vida de mulheres. Tenho me interessado em publicar trabalhos nos campos da clínica, gênero, escuta de mulheres, LGBTQIAP+ e direitos humanos. Psicóloga CRP11/16963, Especialista em Psicologia da Educação e Aprendizagem. Assessora técnica na Casa da Mulher Cearense Cariri, atuo com formações de equipes técnicas através da Secretaria das Mulheres-Ce e na escuta de mulheres em situação de violência doméstica. Ativista na Frente de Mulheres do Cariri. Tenho interesse em interlocuções sobre o que escrevo, de modo que gostaria de receber seu contato para falarmos sobre o que te provocou a leitura do meu trabalho. Meu contato: macedoniafelix@gmail.com.

Os resultados indicam uma contundente incidência do coletivo de mulheres para barrar o ódio ao feminino e construir outros modos de vida. Por fim, ao tempo que denuncia as lacunas de políticas educacionais pelo fim da violência de gênero, reaviva a esperança que se move pelo traço da resistência dessas mulheres.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Pedagogias feministas, Educação, Frente de Mulheres do Cariri, Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Vivendo em uma terra manchada pelo sangue derramado das mulheres, teco essas linhas, profundamente marcada por uma experiência de vida e de morte. Neste trabalho, me ocupo de pensar a violência contra a mulher na região do Cariri Cearense e o trabalho que fazemos na Frente de Mulheres do Cariri, um coletivo de mulheres que se propõe a enfrentar a violência. Apesar de estarmos em uma região do Ceará cercada pela chapada do Araripe com diversidade cultural e artística (Pinheiro, 2009), nos confrontamos, por outro lado, com a violência que nos assola diariamente (Painel Dinâmico, Secretaria de Segurança Pública Ceará, 2025).

Esse solo é uma das regiões do Ceará que mais violenta e assassina mulheres. Uma das que mais registra números de feminicídio (Painel Dinâmico, Secretaria de Segurança Pública Ceará, 2025). Ao mesmo tempo que a violência se impõe a nossas vidas como se tivéssemos que nos resignar a suportar, construímos um movimento de resistência a mãos femininas. Assim, pela experiência que tenho na Frente, tensiono a questão: Como a Frente de Mulheres do Cariri enfrenta a violência a contra a mulher?

Desse modo, esse trabalho busca responder essa pergunta compartilhando nossas vivências de subverter as estruturas locais que fazem dessa terra uma das mais inseguras para nas mulheres no Ceará. Para atender a esse objetivo geral, pretendo descrever o que nomeio de pedagogias feministas manifestadas nas ações ou intervenções que a Frente pratica na região. Considerando que uma das prioridades do coletivo é fazer uma educação para a vida das mulheres, comento como essas ações fazem borda no impossível do educar, compartilhando efeitos pedagógicos e políticos entre meninas e mulheres. Ainda, possui como objetivo específico discutir os impasses entre a educação como profissão e a transmissão de um desejo de saber, marcando uma diferença no ensino como a possibilidade de ocupar uma função em ato.

No intuito de alcançar esses objetivos, me sirvo da metodologia de relato de experiência (Antunes et al., 2024) como via que permite registrar

as vivências que tenho como ativista, mas também como pesquisadora no enfrentamento a violência contra a mulher através do coletivo. O relato se fundamenta no método autoetnográfico (Gama, 2020; Senna, 2021), pois ao tempo que exponho vivências íntimas reflito o lugar onde vivo. Os dados que me referencio fazem parte de meus arquivos pessoal de reuniões, arquivos da Frente de Mulheres que as ativistas do coletivo tem acesso via Google drive, documento público como a carta de princípios e registros de nossas ações nas páginas do Instagram e Facebook.

Para análise desses dados me fio na escrevivência como técnica que permite que a vida seja tecida pela escrita. Escrever implica em vida refletida, pensada, sentida e transformada para texto (Evaristo, 2020). Nas discussões e resultados apresento como os atos de ruas são fundantes e constitutivos das pedagogias feministas da Frente de Mulheres do Cariri. Aprofundo o que entendemos por vida das mulheres, o que pensamos sobre a vida que queremos e como trabalhamos para garantir que escolhamos o modo como vivemos. Neste sentido, defino como categorias de análise que ancoram o debate: Frente de Mulheres do Cariri, vida das mulheres e pedagogias feministas.

Seguindo essa verve, o referencial teórico se constitui como narrativo (Mendes; Rodrigues; Correia, 2024), ao selecionar autoras e autores que dialogam com o entendimento desta autora para aprofundar as categorias de análise. Com Isidorio *et al.* (2015) se caracteriza o coletivo. Bispo (2023) norteia nossa compreensão sobre a vida. Freire (2024), Freud (1937/2023), Texeira (2009), Lacan (1996), Nascimento (2020) entre publicações clássicas e contemporâneas me permite falar sobre educação na perspectiva das pedagogias feministas pelo viés psicanalítico.

A partir deste percurso de como experiencio as nossas pedagogias, tensiono que nossas tentativas de educar precisam lidar com os fracassos que se colocam nesse caminho. Não menos importante, fazer parte da Frente e contribuir nesse trabalho faz de mim uma testemunha dos efeitos pedagógicos e políticos do nosso fazer. Ainda, o texto sinaliza da importância de apontar a experiência como produtora de saber, ao

mesmo tempo que lança luz sobre os efeitos de uma política pela vida construída por mulheres. Por fim, o trabalho conclui que a presença da Frente de Mulheres do Cariri na região promove um movimento discursivo entre denúncia e resistência.

METODOLOGIA

Escrevo a partir do que vivo na região do Cariri, interior do Ceará. Uma mulher entre outras construindo na Frente de Mulheres do Cariri uma educação para a vida das mulheres. Nesta perspectiva, este texto se serve da metodologia de relato de experiência (Antunes *et al.*, 2024) como via que permite registrar as vivências que tenho como ativista, mas também como pesquisadora no enfrentamento a violência contra a mulher através do coletivo.

A epistemologia (Antunes *et al.*, 2024) que dá sentido a minha escrita é aquela que reconhece a proximidade da história de vida com o que se pesquisa como material vital no fazer ciência. Ao mesmo tempo que vivo nessa terra que é uma das que mais violenta mulheres no Ceará (Painel Dinâmico, Secretaria de Segurança Pública Ceará, 2025), também entendo que o trabalho que realizo com outras mulheres para barrar a violência produz efeitos de resistência a morte. Ao fazer esse movimento de enfrentar a violência enquanto vivo aqui se produz um conhecimento que tento deixar algo de seus traços nessas linhas.

Quanto a gnosiologia (Antunes *et al.*, 2024) desta pesquisa, ela diz respeito a uma experiência íntima minha. Contudo, toca além de mim nas vivências que partilho com as mulheres que fazem parte da Frente de Mulheres do Cariri, bem como das mulheres que procuram nosso coletivo para serem acolhidas e ainda dos encontros com familiares de mulheres que foram vítimas de feminicídio na nossa região. Assim, como fui e sou afetada nesses encontros perpassa a escrita deste relato. Em relação à concepção ontológica (Antunes *et al.*, 2024), parto de um entendimento psicanalítico do sujeito que defende uma subjetividade capaz de fissurar

estruturas e inventar outros rumos para si perante um sofrimento que lhe é imposto (Nogueira, 2021).

A partir dessas linhas gerais intenciono dizer que a epistemologia, a gnosiologia e a ontologia desse texto conversam com o conceito de intelecpluralidade, ao apontarem a experiência como possibilidade de construção de um saber (Carine, 2025). Por outro lado, dizer que as vivências constroem saber não significa que a experiência não esteja ancorada em uma teoria. Assim, falar da experiência que escrevo aqui advém de um encontro profundo comigo, no que faço na Frente de Mulheres do Cariri e no modo como essa experiencia me aconteceu. Para tanto, foi necessário voltar a experiência como um gesto (Bondía, 2002), de quem faz memória, de modo a traduzi-la nesse texto que compartilho.

Com essa via como fundamento, a pesquisa objetiva partilhar vivências que subvertem estruturas locais de violência contra a mulher. Para tanto, descrevo intervenções da Frente que fazem borda no impossível do educar, compartilhando efeitos pedagógicos e políticos entre meninas e mulheres das ações do coletivo. Discuto ainda os impasses entre a educação como profissão e a transmissão de um desejo de saber, marcando uma diferença no ensino como perspectiva de ocupar uma função em ato. Contemplo esses objetivos considerando minhas vivências no coletivo de 2018 a 2024.

Como exposto, me referencio como sujeito de pesquisa destacando a minha experiência de fazer parte da Frente e da construção de pedagogias feministas. Para dar conta desses objetivos, o relato se fundamenta no método autoetnográfico (Gama, 2020; Senna, 2021), pois ao tempo que exponho vivências íntimas tensiono o lugar onde vivo. Os dados que me apoio fazem parte de meus arquivos pessoal de reuniões, arquivos da Frente de Mulheres que as ativistas do coletivo tem acesso via Google drive, documento público como a carta de princípios e registros de nossas ações nas páginas do Instagram e Facebook².

2 Instagram: @frentedemulheresdocariri. Facebook: Frente de Mulheres de Movimentos do Cariri

Para análise desses dados me fio na escrevivência como técnica que permite que a vida seja tecida pela escrita. Escrever implica que a vida seja refletida, pensada, sentida e transformada para texto (Evaristo, 2020). Ademais, a minha escrita não exclui a minha realidade de mulher branca. Escolho a escrevivência pelos efeitos que ela me provocou, pois sou daquelas que não foi ninada na casa grande. Pelo contrário, despertada que um dia estive em um sono injusto (Evaristo, 2020), escrevo movida pela convivência com mulheres negras, porque a minha vida também se fez uma nova escrita.

No intuito de enlaçar essa metodologia teoricamente, o texto trabalha com as seguintes categorias de análise: Frente de Mulheres do Cariri, vida das mulheres e pedagogias feministas. Com isso registro algumas linhas sobre o que é a Frente e faço uma apresentação histórica de como surgiu o coletivo e qual é o nosso trabalho na região do Cariri Cearense. Em seguida, conceituo o que chamamos de vida das mulheres, de modo a caracterizar que tipo de vida defendemos para meninas e mulheres. Por fim, socializo o que entendemos por pedagogias feministas compartilhando de algumas de nossas intervenções e seus efeitos.

Apoiada nesse percurso, o referencial teórico se constitui como narrativo (Mendes, Rodrigues, Correia, 2024), pois elejo autoras e autores que dialogam com o meu entendimento para aprofundar as categorias de análise. Com Isidorio *et al.* (2015) se caracteriza o coletivo. Bispo (2023) norteia minha compreensão sobre a vida. Freire (2024), Freud (1937/2023), Texeira (2009), Lacan (1996), Nascimento (2020) entre publicações clássicas e contemporâneas me permite falar sobre educação na perspectiva das pedagogias feministas pelo viés psicanalítico.

Considerando esse percurso metodológico, deixo o convite que você possa dar um passo a mais na leitura avançando a seção seguinte na qual escrevo sobre algumas de nossas ações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Frente de Mulheres do Cariri é marcada historicamente por uma necessidade urgente de fazer algo diante da violência que nos assola. O coletivo se organiza em 2014 em uma perspectiva de unir mulheres que atuavam em diversos movimentos na região. Nesse momento, se organiza com o nome Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri (Isidório *et al.*, 2015), posteriormente tomando corpo como um coletivo singular, assumindo a nomeação de Frente de Mulheres do Cariri. Não participei desse momento nascedouro, pois chego no coletivo em 2018, ano que foi particularmente difícil para nós mulheres. Pelo que escuto das mulheres que chegaram no coletivo antes de mim, vou aprendendo sobre nossa história, ocasião que vou me identificando com a Frente cada vez mais pelas posições que o coletivo assume no Cariri Cearense em momentos cruciais.

Desse modo, escuto que uma das primeiras ações foi uma intervenção em uma festa conhecida na cidade de Barbalha-Ce, a festa do pau da bandeira. Na festa também se celebra Santo Antônio que é padroeiro da cidade e conhecido como santo casamenteiro. Geralmente no último domingo de junho, a cidade se volta para assistir o cortejo do pau. Neste dia, os homens fazem uma espécie de desfile erguendo um tronco de árvore no qual será inserida a bandeira do município. O desfile do pau é cercado de tradições para homens e mulheres. Se para os homens o trabalho é erguer o pau, para as mulheres a tradição é tomar o chá da casca do pau clamando a Santo Antônio um casamento. Anterior a esse momento que atrai muitos visitantes a cidade, ocorrem outras apresentações no cortejo que cruza a cidade com blocos culturais, bandas de música, entre outros (Isidório *et al.*, 2015).

Até hoje se lembra no coletivo uma frase escrita em uma faixa pelas ativistas no cortejo: “Santo Antônio, livrai as mulheres da violência”. Desse modo, a Frente de Mulheres do Cariri usava da visibilidade da festa para lembrar a real situação do Cariri, a insistente violência contra meninas e mulheres e a cruel matança de mulheres pelo feminicídio, principal-

mente de mulheres negras (Isidório *et al.*, 2015). Infelizmente, vivemos em uma das regiões que mais matam mulheres no Ceará (Painel Dinâmico, Secretaria de Segurança Pública Ceará, 2025).

Outra intervenção pública marcante foi a organização do “Ele Não Cariri” no ano de 2018. O “Ele Não” foi um movimento de mulheres contra a eleição do candidato Jair Bolsonaro a presidência do Brasil, marcado por atos nacionais e em outros países. Em várias cidades do Brasil foi possível acompanhar intervenções de mulheres que enunciaram o “ele não” para dizer que essa candidatura não representava as mulheres (Protestos contra Bolsonaro ocorrem em 26 estados e DF; atos a favor, em 16, 2018). A Frente de Mulheres do Cariri colaborou no planejamento e execução desse momento ocorrido na praça do giradouro em Juazeiro do Norte, cidade central no Cariri Cearense.

Participar desse ato representa um divisor no meu trabalho enquanto ativista por nossos direitos, ao ser o momento que me aproximei da Frente e comecei a fazer parte da nossa organização. O “Ele Não” foi um lugar do meu encontro com essas mulheres que já desbravavam caminhos para as mulheres antes mesmo que eu também me colocasse nas trincheiras dessa luta. Lembro como me emocionou ouvir as mulheres negras que fizeram uma fala profunda e viva nesse evento.

Neste percurso de colocarmos nosso corpo e nossa vida como ato público, vale registrar as ações que fazemos em julgamentos de feminicídio. O trabalho de fazer justiça em um caso de feminicídio é marcado por insistência. Enquanto a família continua de luto, é necessário somar forças para que o caso não caia no esquecimento. Nossa estratégia é a partir da escuta da família, planejar ações de visibilidade, educação e reivindicação. Dessa forma, fazemos escutas de acolhimento das famílias de mulheres vítimas de feminicídio e acompanhamos o desenrolar das investigações e do processo judicial.

Como parte dessa metodologia nos fazemos presente nos julgamentos de feminicídio para apoiar a família e reivindicar a pena justa no caso. Nossa presença se inicia quando movimentamos a comunidade anterior

ao julgamento para somar em determinado horário no local. Fazemos momentos simbólicos com cartazes, vídeos e entrevistas que são, ao mesmo tempo, intervenções para romper uma lógica que deixa as famílias abandonadas afetivamente nesses momentos, mas também educativos. Chamamos a atenção da comunidade sobre o assassinato das mulheres enquanto denunciemos o que ainda mantém a morte de mulheres como se fosse algo natural.

Intervenções públicas como essas na festa de Barbalha-Ce, no “Ele Não” e nos julgamentos de feminicídio vão se constituindo a tônica do coletivo. Em diversos momentos importantes na região, o coletivo mudou a história das cidades Caririenses denunciando a violência, exigindo justiça aos casos de feminicídio e apontando um presente e futuro pela vida. Em 2017, a Frente de Mulheres do Cariri, publica sua carta de princípios como meio de registrar o que é o coletivo e o seu objetivo:

A prioridade para Frente de Mulheres do Cariri é organizar, movimentar, debater e difundir conhecimentos que digam respeito aos campos da educação, da cultura, das artes, das ciências, da política, das questões sociais reconhecendo o valor da mulher para transformação da nossa sociedade (patriarcal, racista, lgbttqiafóbica). A Frente se posiciona prioritariamente em defesa dos direitos das mulheres e dos direitos humanos, questionando e combatendo os preconceitos e propondo políticas públicas que possam eliminar as desigualdades. (Carta de princípios, Frente de Mulheres do Cariri, 2017)

Quando chego na Frente em 2018 já havia um entendimento que somos sobreviventes nesse lugar, enquanto muitas de nós são reduzidas a estatísticas. Neste sentido, o trabalho da Frente se firma com uma forte reivindicação pela vida das meninas e mulheres. Faz parte desse movimento nós mesmas dizermos o que assimilamos por vida e que vida queremos. A partir desse entendimento, nosso trabalho no campo da educação sinaliza que não nos é suficiente uma sobrevivência.

Esse caminho de falar sobre vida é perpassado pelas denúncias que fazemos do que nos leva a morte e por uma pedagogia do viver. Quando dizemos haver uma diferença entre sobrevivência e vida, delimitamos que

uma vida sobrecarregada de obrigações, cansaço e medo não é vida. Nos aproximando do conceito de modo de vida vamos vivenciando de que vida estamos falando. Vida com tempo, com outro ritmo, como palavra e partilha. Partilha da mesa, da história das que nos antecederam em nossa ancestralidade e partilha dos afetos (Bispo, 2023).

A vida que defendemos na Frente de Mulheres do Cariri é primeiro do direito de meninas e mulheres existirem, pois pelo que enfrentamos aqui esse direito ainda não está garantindo. Quando mulheres são assassinadas porque disseram não a um relacionamento ou porque estavam tentando terminar uma relação, essas mulheres não são livres. Quando meninas são violentadas sexualmente não está garantido o direito a vida dessas meninas (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2025).

Se a violência contra meninas e mulheres incide em sua maioria sobre meninas e mulheres negras, também estamos falando do quanto o racismo ainda determina quem tem oportunidade e quem não tem oportunidade nessa terra (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2025). O contexto da violência impõe sobrevivência e morte a muitas de nós. Um dos nossos trabalhos é dizer da vida que temos direito e merecemos. De um modo de vida que o tempo é outro no qual podemos nos reunir em torno da palavra no presente e no futuro (Bispo, 2023).

Sobre nosso modo de vida pela vida, as mulheres negras possuem um lugar imprescindível. Uma das estratégias que usamos na pedagogia da vida é a miolagem. A miolagem é uma metodologia e uma tecnologia social criada pelas irmãs negras Valéria e Verônica no Cariri Cearense que diz da importância da gente se reunir para falar da

Ao mesmo tempo que acreditamos que a educação transforma, também sabemos quantos fracassos perpassam as tentativas de educar (Freud,1937/2023). Dessa forma, praticar nossas pedagogias não garantem resultados pela vida das mulheres. A leitura que faço do nosso trabalho aponta para intervenções que fazem borda no impossível do educar (Lacan, 1996), caminhando muitas vezes na incerteza. Bordejando o que não conseguimos mudar, nos atemos ao possível, ou seja, a trans-

missão de um desejo de saber (Texeira, 2009), saber das mulheres e saber da vida e para a vida.

Para tanto, é necessário que estejamos na educação a partir de uma função que se ocupa para transmitir e provocar. Esse viés é o oposto de estar na educação como uma via de certeza, fazendo um contraponto a educação como profissão. Neste sentido, educar como função se aproxima da função do ato em psicanálise (Texeira, 2009) ao ressoarmos uma prática pedagógica como aposta. Não temos todas as respostas sobre o fim da violência, mas a partir da experiência do que vivemos podemos testemunhar de efeitos pedagógicos e políticos. Por exemplo, pedagogia da vida que se reflete em uma experiência de aquilombamento, no qual há uma junção de mulheres tendo em vista viver uma vida como desejamos (Nascimento, 2022).

Os efeitos pedagógicos e políticos também podem ser vistos pelas mulheres que procuram a Frente de Mulheres do Cariri para confiar suas dores, buscando o suporte do coletivo. Ainda com os crescentes números da violência contra a mulher (Painel Dinâmico, Secretaria de Segurança Pública Ceará, 2025), apontam a necessidade do trabalho da Frente denunciando as lacunas de políticas educacionais pelo fim da violência de gênero. O cotidiano do Cariri indica que ainda se faz necessário não somente aprofundar as estruturas (Segato, 2025) que ainda favorecem a violência contra a mulher, como também fortalecer estratégias a médio e longo prazo para romper com essas estruturas.

Se não existem os genes da violência contra a mulher, muito menos do feminicídio, isso significa que os homens não nascem com ódio as mulheres. Não se nasce se achando superior às mulheres. Para se violentar uma mulher é preciso que se aprenda sobre isso. A violência não está somente nas residências, é no mais íntimo das relações que ela é ensinada. O que a violência sobre nossas vidas indica é que ainda é ensinado aos homens uma masculinidade violenta, possessiva e opressora que se manifesta em uma série de violências contínuas (Segato, 2025). O que

tentamos transmitir por nossas pedagogias é que mover essas estruturas requer um esforço educacional coletivo desde a primeira infância.

Mesmo sabendo das muitas dificuldades de fazer uma mudança estrutural, seguimos insistindo por mim, por nós e por todas que não podem mais falar. Essa insistência é também uma marca do efeito das pedagogias feministas sobre nós. São efeitos que também alcançam a minha vida e que tento transmitir nessas linhas. Efeitos políticos pela vida (Evaristo, 2020), tendo em vista que vivemos nessa região manchada pelo sangue derramado de mulheres, é nela também que fazemos a Frente de Mulheres do Cariri. É aqui que nos reunimos e pensamos em modos de enfrentar a violência. É aqui que aquilombamos (Nascimento, 2022), apesar do que vivemos a cada dia. Portanto, ao fazermos nossas pedagogias feministas apostamos em inventar sem o menor pudor uma vida ao nosso modo (Evaristo, 2025), reavivando a esperança que se move pelo traço de nossa resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se precisa lidar com a violência contra a mulher cotidianamente, o que fazer? Neste trabalho compartilhei das minhas vivências enquanto mulher e pesquisadora no coletivo Frente de Mulheres do Cariri. O que fazemos para sobreviver a violência e para viver se revela como pedagogias feministas de um modo de vida feito a mãos femininas. Neste texto, escrevi afetada pelo sangue, suor e lágrimas de muitas de nós que insistimos a cada dia em barrar o ódio que não nos quer vivas.

Existe um saber produzido por mulheres no enfrentamento a violência que não se acha nos livros. É um saber forjado nas vivências de cada mulher que só é possível tocá-lo a partir do momento que somos ouvidas ou lidas. Assim, essas linhas são uma tentativa de registrar o que fazemos nesse sertão do interior do Ceará, pois entendo que subvertemos estruturas locais que ainda fazem do Cariri uma das regiões mais inseguras para as mulheres no Ceará.

Ao nos colocarmos em caminhada, trabalharmos com formações ou fazermos ocupações tentamos movimentar sentidos e lógicas discursivas que ainda estruturam a violência como algo normal. As vivências que temos de nos aquilombar também indicam de saídas que inventamos em comunidade. Quando bradamos ser pela vida das mulheres também dizemos de qual vida se trata, pois nos negamos a viver em constante luta pela sobrevivência.

Nessas linhas tensiono que nosso trabalho é como fazer uma borda no impossível do educar, lembrando um conceito clássico da psicanálise que fala dos limites próprios de fazer educação. Torcendo a ideia de ensinar para pensar o que pode ser transmitido em momentos formativos e interventivos, falei do ensino como possibilidade de ocupar uma função em um ato que se revela na prática. Ao mesmo tempo, o que relato é limitado a minha experiência, abrindo a oportunidade de outras pesquisas sobre as pedagogias da Frente de Mulheres do Cariri.

Por fim, dizer algo do fazer do nosso coletivo aponta para os efeitos políticos do que fazemos como um ato pela vida. Portanto, ao fazermos nossas pedagogias feministas apostamos em inventar uma vida ao nosso modo, reavivando a esperança que se move pelo traço de nossa resistência.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA / FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: FBSP, 2025. Disponível em: <https://forum-seguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/07/anuario-2025-infografico.pdf>. Acesso em 11 out. 2025.

ANTUNES, Jeferson et al. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e12517, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>. Acesso em 11 out. 2025.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?-format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2025.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023

CALDAS, Heloisa; DUPIM, Gabriella Dupim. O amódio ao feminino e a violência nas parcerias. *In*: DANZIATO, Leonardo José Barreira; TEXEIRA, Leônia Cavalcante; GASPARD, Jean-Luc (org.). **Violência de gênero e ódio ao feminino**. Curitiba : CRV, 2021. p.127-136.

CARINE, Bárbara. **E eu, não sou uma intelectual?: uma quase manual de sobrevivência acadêmica**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

CARTA DE PRINCÍPIOS. Frente de Mulheres do Cariri. Crato-Ce. Ago. 2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1W8vjcwVcJCRDop_sKXKxsfU-xULveHjN/view. Acesso em 19 out. 2025.

CARVALHO, Veronica Neuma das Neves. CARVALHO, Valeria Gercina das Neves. A arte de miolar. *In*: KRENAK, Ainton; PIÚBA, Piúba (org.) **Desnaturada: cultura e natureza..** São Paulo: Editora Jandaíra, 2025.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2025.

EVARISTO, Conceição. As escrevivências e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: A escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020. p.26-46.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREUD, Sigmund. A análise finita e a infinita. *In*: **Fundamentos da clínica**. Belo Horizonte: Autentica, 1937/2023. p. 315-364

PROTESTOS contra Bolsonaro ocorrem em 26 estados e DF; atos a favor, em 16. G1. 29 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contras-e-favor-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 19 out. 2025.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, p. 188-208, maio-a-gosto. 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flavia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ISIDORIO, A. V. B.; LIMA, M. E.; GRANGEIRO, C. R. P.; SOARES, S. R. A dimensão pedagógica da luta: protagonismo das mulheres negras na Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri. *In*: Artefatos da Cultura Negra. Crato. **Anais eletrônicos**. Crato: URCA, 2015. p. 212 - 226.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996. p.179.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O negro visto por ele mesmo. *In*: RATTIS, Alex (org.) **O negro visto por ele mesmo**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NOGUEIRA. Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

MENDES, Iane Rocha; RODRIGUES, Eliete Fagundes de Jesus; CORREIA, Valéria Pinho. Mulheres Narradoras em Vozes de Diversidades: A Potência da Pesquisa Narrativa em Espaços Educativos. *In*: COSTA, Váldina Gonçalves da; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina (org.). **Rede colaborativa universidade e educação básica: cartografias em construção**. Belém: RFB, 2024. p.44-55. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Da-Silva-64/publication/389213289_REDE_COLABORATIVA_UNIVERSIDADE_E_EDUCACAO_BASICA_CARTOGRAFIAS_EM_CONSTRUCAO/links/682c9fd1be1b507dce8c3f6a/REDE-COLABORATIVA-UNIVERSIDADE-E-EDUCACAO-BASICA-CARTOGRAFIAS-EM-CONSTRUCAO.pdf#page=45. Acesso em 15 set. 25.

PAINEL DINÂMICO. Disponível em: <https://www.supesp.ce.gov.br/painel_dinamico/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

SENNA, Ariane Moreira de. **A Solidão da mulher trans, negra e periférica: uma (auto) etnografia sobre relações sócioafetivas em uma sociedade cisheteropatriarcal.** Dissertação (Mestrado do Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34369/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20-%20Ariane%20Moreira%20de%20Senna..pdf>. Acesso em 12 set. 25.

SEGATO, Rita. **As estruturas elementares da violência: ensaios sobre gênero, entre a antropologia, a psicanálise e os direitos humanos.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.

TEXEIRA, Elisa. Notas sobre a emergência do Real na educação. *In: Do Real, o que se inscreve?* Revista da escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p.239-245.